

AGRESSIVIDADE INFANTIL

Seja um pai atento

As birras, os pontapés e os gritos são expressões de agressividade e esta um grito de ajuda. Por detrás de uma criança agressiva está uma perturbação do comportamento que se alimenta do stress emocional na consulta de pedopsiquiatria na Clínica Cuf Cascais, pais e filhos descobrem como ultrapassar um problema que tem, muitas vezes, origem familiar.

SE O SEU FILHO não chora – grita, se não brinca – destrói, se não obedece – bate, então o mais provável é que tamanha hostilidade seja sintoma de instabilidade emocional, e não apenas mau feitio. Os murros e os pontapés são uma linguagem infantil que comunica o desnorte psicológico da criança e, quando assim é, cabe aos pais assumirem as suas responsabilidades e procurar ajuda clínica. De acordo com o pedopsiquiatra Volker Dieudonne, da Clínica Cuf Cascais, esta é uma atitude pouco frequente. «Quando os pais têm bom-senso e conseguem perceber que o filho tem um problema, eles próprios tomam a iniciativa de procurar um médico, que é meio caminho andado para a sua resolução. No entanto, a maioria dos progenitores desvalorizam ou reagem também com agressividade, acabando por se tornarem demasiado punitivos».

A agressividade é um instinto presente no ser humano que se mani-

esta desde cedo, ou seja, ainda na infância. Até certo ponto, revela-se mesmo uma forma de afirmação pessoal, o que dificulta ainda mais o seu escrutínio. Como distinguir entre um comportamento agressivo natural e um que é fruto de desequilíbrio emocional? Esta é talvez a pergunta mais difícil quando se trata de agressividade infantil. «Falar só de agressividade é redutor porque existem vários factores envolvidos: existe a retro-agressividade (dirigida para os outros) a auto-agressividade (dirigida nós próprios), a impulsividade, a baixa tolerância à frustração,

a oposição, o desafio. Todas são alterações comportamentais que no fundo são fruto de um “impulso” agressivo», explica o especialista. Perceber este impulso revela-se o mais desafiante e determinante porque «a agressividade não é só física, são também os olhares», adianta o Doutor Volker, como é conhecido nesta unidade do grupo saúde Cuf «Um gesto pode ser agressivo, a comunicação verbal também. É por isso que é tão difícil definir a agressividade. O mais importante mesmo é distinguir entre o que é normal e o que transborda».

LER OS SINTOMAS

Quando deixa de ser pontual para se transformar num hábito recorrente, a agressividade dá lugar a «um sintoma que

Por detrás de uma criança agressiva está uma perturbação do comportamento do stress emocional que invade a vida dos mais pequenos

ssiva está um to que se alimenta invade a vida



deriva em grande parte contexto ambiental onde a criança está inserida, apesar de também existirem patologias em que a agressividade faz parte da perturbação. É o caso de determinadas perturbações de comportamento, como o autismo, por exemplo, cujos elementos agressivos têm uma base neurobiológica. Porém, a grande origem dos comportamentos agressivos é relacional». Significa isto que os adultos, ou até mesmo outras crianças, são os grandes responsáveis pelo stress emocional que está por detrás das crianças agressivas. No momento de equacionar a origem do problema, existem dois ambientes a considerar, ambos catalisadores da agressão: a casa e a escola. «É extremamente importante contextualizar os sintomas, perceber onde se manifestam. Se aparece na escola, devemos tentar perceber porquê, avaliar a dinâmica com os colegas, com os adultos, qual a origem do impulso agressivo».

Uma boa articulação entre pais e profes-

sores é, assim, determinante pois permite cruzar informações e tentar perceber a origem dos comportamentos hostis quando estes estão ainda no início: se vêm unicamente da criança, dos amigos ou até dos próprios pais. Aliás, o ambiente familiar, alerta o pedopsiquiatra, «é mais difícil de avaliar porque actualmente as dinâmicas familiares são muito diversas».



DE PAI PARA FILHO

A família é o pilar do bem-estar emocional e de um desenvolvimento psicológico saudável. Porém, com as alterações que os padrões familiares têm vindo a sofrer nas últimas décadas, tem-se transformado numa estrutura cada vez menos equilibrada. E, como se sabe, uma criança não faz o que lhe dizem, faz o que lhe mostram. «O padrão psicológico dos pais também é importante para perceber a origem do impulso agressivo. Quase dez por cento dos adultos, actualmente, possui depressões e problemas psicológicos e estes reflectem-se na relação afectiva que estabelecem com os seus filhos, influenciando o seus comportamentos. O facto de os pais estarem ou não juntos, a sua dinâmica enquanto casal, a sua idade e o seu bem-estar mental contam no momento de se abordar e tratar a agressividade», explica o Doutor Volker.

Nesta equação, o factor geracional tem um peso determinante: pode tanto estar na origem do problema, como dificultar o seu reconhecimento. «Como os avós educam assim os pais, estes irão educar assim os seus filhos. Trata-se de um fio condutor». Perpetua-se assim um ciclo vicioso que, juntamente com os desafios e as dificuldades dos tempos que correm, explica por que alguns pais minorizam a impulsividade dos seus filhos, chegando mesmo a alimentá-la de forma involunta-



riamente. «Os pais estão menos disponíveis do que estavam há uns anos porque o ritmo de vida é muito mais acelerado. Têm muito menos tempo e muito menos tolerância, estão cansados, esgotados, têm problemas financeiros, de trabalho e, obviamente, sempre que um adulto tem um problema, a criança reage».

A IMPORTÂNCIA DOS AFECTOS

Se agressividade gera mais agressividade, afecto gera mais afecto. No comportamento dos pais está a chave para o bem-estar dos filhos – uma relação tão íntima quantos os laços que os unem. «Uma criança poderia idealmente funcionar num registo positivo, numa comunicação articulada a nível afectivo. Muitas vezes quando o afecto positivo não funciona a criança passa

imediatamente para o registo negativo para captar atenção».

Educação com afecto sim, permissividade não. O equilíbrio entre ambas as atitudes define um estilo educativo adequado, «que inclui compreensão, mas também medidas educativas lineares, adequadas e correctas». Vale a pena lembrar que o equilíbrio emocional da criança depende da segurança transmitida pelos progenitores. Se o pai impõe limites que a mãe desvaloriza, por exemplo, gera-se uma anarquia



> | DIFERENÇAS

Meninos mais agressivos

De acordo com o pedopsiquiatra da clínica CUF Cascais, a agressividade enquanto reacção natural depende do sexo das crianças e «é mais frequente nos rapazes do que nas raparigas, porque está relacionada com a parte hormonal». Assim, os rapazes apresentam picos de agressividade por volta dos cinco/seis anos, dos nove/dez e posteriormente na pré-adolescência, fase onde podem surgir com mais frequência, «quando têm maior noção de si próprios, do poder físico, do poder da palavra e quando percebem que conseguem desafiar e captar a atenção dos outros».

Nestes casos, vigora mais a agressividade física do que verbal. O pedopsiquiatra adianta ainda que, «garantidamente, dez por cento de todos os jovens e crianças – a esmagadora maioria rapazes – sofre de perturbação de oposição, caracterizada por comportamentos hostis para com figuras de autoridade, a mais frequente na infância, juntamente com o défice de atenção e hiperactividade, onde entram a impulsividade e a agressividade».

A família é o de um desenvolvimento transformado



educativa que anula referências e desorienta os mais pequenos. «Acima de tudo os pais não podem ser oscilantes – num dia ignoram no outro castigam. Ambos têm que transmitir a ideia de que sabem o que estão a fazer, porque a criança precisa de crescer com a sensação de que os pais sabem qual é o caminho. Caso contrário, desorienta-se».

CONSULTA PARA PAIS E FILHOS

Na consulta de pedopsiquiatria da clínica CUF Cascais, os mais pequenos são os pacientes, mas a intervenção juntos dos pais é primordial – são eles os primeiros a ser «auscultados». «Se não o fizermos não ganhamos o nosso mini-paciente. O vínculo que conseguimos estabelecer com eles é fundamental para podermos ajudar a criança».

Envolver os pais activamente na recuperação dos filhos é uma tarefa que o pedopsiquiatra da clínica CUF Cascais empreende em cada uma das suas consultas. É que, desabafa, «a agressividade e as perturbações de comportamento são extremamente frequentes, mas os pais que assumem que alguma coisa está errada com os seus filhos são raros».

Desta forma, pais alertas e sensibilizados para a agressividade enquanto problema são tão importantes para o trata-

pilar do bem-estar emocional e olvimento saudável; porém, tem-se numa estrutura menos equilibrada



clínica CUF
cascais

Consulta de Pedopsiquiatria

Rua Fernão Lopes, 60
Cobre
2750-663 Cascais

Para mais informações:
Ligue **211 141 400**
ou consulte
www.saudecuf.pt